



## TREVAS E QUEDA: ANÁLISE DO IMAGINÁRIO FEMININO NA REPRESENTAÇÃO DE FAKE NEWS SOBRE MARIELLE FRANCO

Eunice Simões Lins\*  
Flávia Lopes\*\*

**Resumo:** O imaginário social que constrói o mundo de representações simbólicas femininas é permeado por arquétipos que nos remetem a símbolos de vários tipos de referências, inclusive negativistas. Procuramos neste artigo traçar algumas dessas representações negativadas nas notícias falsas divulgadas sobre a vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), assassinada em março de 2018. Neste artigo, buscamos por base a teoria do trajeto antropológico do imaginário, traçado por Gilbert Durand, em que procura a compreensão simbólica do imaginário por meio de dois regimes: o Regime Diurno e o Regime Noturno, partindo do pressuposto de que todas as formas de produção simbólica que temos na sociedade são reflexos do nosso imaginário social, como por exemplo, a produção midiática.

**Palavras-chave:** Imaginário. Fake News. Mulher.

**Abstract:** The social imaginary that builds the symbolic representations of the women world is filled by archetypes that seldom brings many kinds of references, including negative references. In this article it's been searched to trace the negative references on fake news about Marielle Franco's Death, Rio de Janeiro councillor, from PSOL party (Socialism and freedom party), murdered in March of 2018. On this article, is been searching the theory base of an anthropological path of imaginary by Gilbert Durand, in which tries to comprehend this symbolic imaginary by two ways: the daily regime and the nightly regime, using as starting point that all the symbolic productions that we reach on our societies are just social imaginary product's (reflection action) as an example: the media and press productions.

**Keywords:** Imaginary. Fake News. Woman.

\*Universidade Federal da Paraíba - UFPB,  
João Pessoa, Paraíba, Brasil.  
Doutora Pós-Doutorado em Ciências da Religião  
(2012) na UMESP- Universidade Metodista em  
São Bernardo do Campo-SP. Doutorado em  
Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba  
(2008).

E-mail: euniceslins@gmail.com

\*\*Universidade Federal da Paraíba– UFPB.  
João Pessoa, Paraíba, Brasil  
Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação da Universidade  
Federal da Paraíba – UFPB, linha de pesquisa  
Mídia, Cotidiano e Imaginário.

E-mail: flavia.lopes.sn@gmail.com

DOI: 10.19177/memorare.v5e1201878-96



REVISTA  
MEMORARE

UNISUL  
www.portaldeperiodicos.unisul.br  
ISSN 2358-0593

A produção midiática costuma se referenciar em suas narrativas a símbolos consolidados no imaginário social coletivo. Arquétipos incrustados na nossa cultura, simbologias conhecidas e significados de heranças cognitivas ancestrais podem ser encontrados facilmente nas narrativas midiáticas do nosso cotidiano. Isso também acontece com a construção simbólica das fake news (notícias falsas), que apesar de não possuírem credibilidade como informação noticiosa, podem ser consideradas um tipo de produção midiática, já que são produtos das novas formas de distribuição e produção de conteúdos da atualidade.

O fenômeno da fake news chamou atenção para um recente caso no Brasil: a divulgação de notícias falsas sobre a vereadora carioca executada, Marielle Franco, foi motivo de vastas coberturas jornalísticas da mídia nacional e gerou até repercussões judiciais para quem as propagou.

Neste artigo analisamos as referências arquetípicas simbólicas ligadas às imagens negativas femininas nas fake news divulgadas. Selecionamos o corpus de duas notícias falsas veiculadas por duas figuras públicas e traçamos uma hermenêutica simbólica tendo como embasamento o trajeto antropológico do imaginário, conceituado por Gilbert Durand (2012).

Sob a perspectiva metodológica do trajeto antropológico, no decorrer da análise, notamos como as imagens femininas estão conectadas com um imaginário negativo ligado ao Regime Diurno da imagem. As formas discursivas femininas têm a potencialidade de traçar uma imagem simbólica ligada às trevas, ao pecado e ao sexo.

Utilizamos como suporte teórico para compreender esse imaginário o conceito de símbolos catamórficos (símbolos que representam a queda); nictomórficos (que representam as trevas) e as concepções relacionadas aos gestos posturais que representam a descida intestinal e os movimentos sexuais (relacionados à imagem materna e também sexualizada atrelada ao imaginário feminino).

A produção midiática costuma se referenciar em suas narrativas a símbolos consolidados no imaginário social coletivo. Arquétipos incrustados na nossa cultura, simbologias conhecidas e significados de heranças cognitivas ancestrais podem ser encontrados facilmente nas narrativas midiáticas do nosso cotidiano. Isso também acontece com a construção simbólica das fake news (notícias falsas), que apesar de não possuírem credibilidade como informação noticiosa, podem ser consideradas um tipo de

produção midiática, já que são produtos das novas formas de distribuição e produção de conteúdos da atualidade.

O fenômeno da fake news chamou atenção para um recente caso no Brasil: a divulgação de notícias falsas sobre a vereadora carioca executada, Marielle Franco, foi motivo de vastas coberturas jornalísticas da mídia nacional e gerou até repercussões judiciais para quem as propagou.

Neste artigo analisamos as referências arquetípicas simbólicas ligadas às imagens negativas femininas nas fake news divulgadas. Selecionamos o corpus de duas notícias falsas veiculadas por duas figuras públicas e traçamos uma hermenêutica simbólica tendo como embasamento o trajeto antropológico do imaginário, conceituado por Gilbert Durand (2012).

Sob a perspectiva metodológica do trajeto antropológico, no decorrer da análise, notamos como as imagens femininas estão conectadas com um imaginário negativo ligado ao Regime Diurno da imagem. As formas discursivas femininas têm a potencialidade de traçar uma imagem simbólica ligada às trevas, ao pecado e ao sexo.

Utilizamos como suporte teórico para compreender esse imaginário o conceito de símbolos catamórficos (símbolos que representam a queda); nictomórficos (que representam as trevas) e as concepções relacionadas aos gestos posturais que representam a descida intestinal e os movimentos sexuais (relacionados à imagem materna e também sexualizada atrelada ao imaginário feminino).

## 2. O imaginário e seus regimes

O conceito de imaginário está fortemente conectado com a construção do conhecimento humano e pode ser compreendido como um conjunto de imagens, símbolos e signos de categorias variadas que determinada a cultura de dada sociedade, comunidade ou grupo social. São formas de comunicação, símbolos, imagens, sons, cores e formas que conectam indivíduos e sociedade e, por isso, funcionam, para o sociólogo Maffesoli (2003), como um “cimento social”, que tem a potencialidade de ligar indivíduos, grupos, seres humanos.

O imaginário não é uma forma social escondida, secreta, inconsciente que vive sob as fibras do tecido social. Ele não é o reflexo, o espelho deformado,

o mundo revirado ou a sombra da realidade, uma sociedade subterrânea que cruzará profundamente os esgotos da vida cotidiana, mas ele estrutura, no fundo, o entendimento humano. (LEGROS et al., 2014, p. 111).

A perspectiva antropológica do imaginário, proposta por Durand (2012), pressupõe aspectos teóricos que nos fazem entender símbolos arraigados na sociedade, mas que são compreendidos apenas após interpretação aprofundada. A metodologia abrange tanto níveis de um psicologismo, partindo preliminarmente de pontos micro da compreensão dos seres humanos, a um culturalismo, indo de encontro a aspectos culturais e sociais. No entanto, vai além dessas interpretações primeiras que dão suporte teórico para as análises.

Assim o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis. (DURAND, 2012, p. 42).

Para Durand, o Regime Diurno (RD) está ligado às imagens simbólicas da postura do guerreiro que impõe sua arma, por isso se conecta reflexivamente com a dominante postural e o uso dos utensílios que lhe cabe, caracterizando-se, assim, por ser uma “sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação” (2012, p. 58). Seria então um regime que abrange as imagens relativas ao confronto, à luta pelo movimento de avançar.

Já o Regime Noturno é caracterizado pelo aspecto da eufemização, do abrandamento.

[...] Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos. (DURAND, 2012, p. 58).

Os dois regimes estabelecidos por Durand procuram sistematizar todo o semantismo das imagens, compreendendo que elas não são apenas signos estanques, mas símbolos que abrangem também certo sentido material.

### 3. O feminino e os símbolos nictomórficos

Ao contrário do que uma hermenêutica semântica preliminar nos leva a acreditar, o Regime Diurno não está apenas conectado a imagens de luz. Também há trevas durante o dia. Por isso, Durand (2012) atribui às imagens relativas ao RD a característica principal de confronto. Os símbolos deste regime estão sempre conectados com ideias de luta, de movimentos, enfrentamentos.

Em uma primeira perspectiva ligada a imagens negativas, Durand (2012) demonstra os isomorfismos simbólicos desse regime que revelam a sensação angustiante da fuga do Cronos, a luta contra o tempo, esta instância que nos abocanha levando-nos em direção à morte e a alguns outros esquemas de significação negativista do RD.

Porém, como o Regime Diurno é local de axiomas, contrários, antíteses, contradições e dualismos, encontramos também nesse regime outro lado: o lugar da “vitória sobre o destino e a morte” (DURAND, 2012, p.120).

No primeiro capítulo em que trata dos isomorfismos das imagens simbólicas de cunho negativo do RD, Durand, na obra *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, categoriza três pilares simbólicos: os símbolos teriomórficos (referências à animação e animalização, movimentação e inquietação), nictomórficos, catamórficos.

Os símbolos nictomórficos estão ligados às imagens referentes a trevas, sombras e negruras, essa simbologia está fortemente conectada a um isomorfismo negativo relativo ao medo e angústia pelo escuro, uma herança psicológica da fobia infantil pela escuridão, “símbolo de um temor fundamental do risco natural” (DURAND, 2012, p. 91).

A ideia das trevas e escuridão que impedem a visão da verdade liga-nos à cegueira. É aqui que aparecem também isomorfismos ligados ao espelho que representa uma “translucidez cega” (DURAND, 2012, p.95), que se conecta também com uma variação nictomórfica mais forte e predominante: “a água, além de bebida, foi o primeiro espelho dormente e sombrio” (p.95).

Assim, a água desemboca em uma bacia semântica de símbolos isomórficos que representam toda essa linhagem de imagens de trevas. São as águas do mar, as ondas que oscilam com as fases da lua – com seu vasto campo de significações nas mitologias-

que interferem tanto nas águas marítimas quanto nas águas menstruais femininas. Todas essas significações, em que algumas chegam a ser ancestrais, remetem-nos a uma imagem feminina, lunar, líquida, noturna, chegando a ser monstra e negativa aos olhos de algumas culturas.

A simbologia nictomórfica é vasta, mas tem predominância no desconhecido da escuridão.

Os símbolos nictomórficos são, portanto, animados em profundidade pelo esquema heraclítico da água que corre ou de cuja profundidade, pelo seu negrume, nos escapa, e pelo reflexo que redobra a imagem como a sombra redobra o corpo. Esta água negra é sempre, no fim das contas, o sangue, o mistério do sangue que corre nas veias ou se escapa com a vida pela ferida, cujo aspecto menstrual vem ainda sobredeterminar a valorização temporal. O sangue é o temível porque é a senhora da vida e da morte e porque na sua feminilidade é o primeiro relógio humano, o primeiro sinal humano correlativo do drama lunar. (DURAND, 2012, p.111).

Esse sague feminino, misterioso e noturno, ganha mais aspectos negativos – assim dito por Durand (2012, p.111), com os símbolos catamórficos ligados a imagens relativas à queda.

A esse nível verificamos que a feminização do simbolismo nefasto constituía o esboço de uma eufemização que ia atingir o seu ápice quando o terceiro esquema terrificante, o da queda, se reduzia ao microcosmo da queda em miniatura, da queda interior e cenestésica, na sua dupla forma sexual e digestiva. *Transfert* graças ao qual a atitude angustiada do homem diante da morte e do tempo se duplicará sempre de uma inquietação moral diante da carne sexual e mesmo digestiva. A carne, esse animal que vive em nós, conduz sempre à meditação do tempo. (DURAND, 2012, p. 121).

#### 4. Representações femininas nictomórficas e catamórficas

Ao isomorfismo que percorre os símbolos femininos que se conectam a esse imaginário nictomórfico também podemos fazer ligações diretas entre as águas de negruras ao sangue menstrual da mulher, já que o que “constitui a irremediável feminilidade da água é que a liquidez é o próprio elemento dos fluxos menstruais. Pode-se dizer que o arquétipo aquático e nefasto é o sangue menstrual” (DURAND, 2012, p.101).

Outro símbolo feminino nictomórfico ligado às águas é a lua.



A maior parte das mitologias confunde as águas e a lua na mesma divindade, como entre os iroqueses, os mexicanos, os babilônios ou na Ardisûra-Anâhita iraniana. Os maori e os esquimós, ou os antigos celtas, conhecem as ligações existentes entre a lua e os movimentos marinhos. O Rigveda afirma essa solidariedade entre a lua e as águas. [...] A lua está indissolúvelmente ligada à feminilidade, e é pela feminilidade que encontra o simbolismo aquático. (DURAND, 2012, p.102).

Essa conexão entre a lua, a água e a mulher manifesta-se em diversas lendas que atribui à lua o caráter animal ou ser de sedução que engravidava as virgens, como entre os esquimós que possuem a tradição das virgens nunca olharem para o astro lunar “com medo de ficar grávida” (DURAND, 2012, p.103) ou na Bretenha, em que as moças eram proibidas de olharem para a lua para não ficarem aluadas (Idem). Em outras tradições, ainda, a lua é própria mulher, jovem, sedutora.

Torna-se a temível caçadora que lacera seus apaixonados, e cujos favores, como no mito de Endimião, conferem um sono eterno, fora da influência do tempo. Nesta lua menstrual já se esboça a ambivalência do ser, “criança doente e doze vezes impura”. [...] retenhamos, de momento, apenas a selvageria sanguinária da caçadora, assassina das filhas de Leto e de Acteão, protótipo da feminilidade sangrenta e negativamente valorizada, arquétipo da mulher fatal. (DURAND, 2012, p.104).

A importância de conhecer os isomorfismos existentes entre o imaginário feminino e o simbolismo lunar, aquático, em suma nictomórfico, reside na compreensão arquetípica das representações sociais femininas nos dias atuais. Por meio de referências mitológicas, linguísticas, Durand constrói um trajeto antropológico do sentido do ser feminino, e o que se percebe é que os arquétipos relacionados às formas “feminóides” têm sempre conexões diretas ou indiretas com o simbolismo nictomórfico, afinal “toda Odisséia é uma epopeia da vitória sobre os perigos das ondas e da feminilidade” (2012, p. 105).

Em contraposição a essas categorias simbólicas negativistas (símbolos teriomórficos, nictomórficos e catamórficos) que ajudam a construir os axiomas do Regime Diurno, estão os símbolos de significações positivas de enfrentamento das trevas, simbologias que revelam a ideia de “exorcismo pelas imagens da luz” (DURAND, 2012, p. 123), que são os símbolos ascensionais, espetaculares e diairéticos. Nesta constelação simbólica encontramos fortes representações masculinas, da figura do herói que traz a salvação diante dos tempos nefastos. Afinal, “a sexualidade masculina



não é ‘doze vezes impura’. É pelo contrário símbolo do sentimento de potência e não é sentida pelas crianças humanas como doença ou vergonhosa ausência” (p. 160), como defendiam alguns anatomistas da ciência moderna do século XVIII.

No século que marcou a evolução de pesquisas médicas, a ausência do órgão sexual fático nas mulheres era tida como aspecto físico que desqualificava para alguns afazeres sociais.

O anatomista Jacques-Louis Moreau afirmava que os órgãos genitais “para dentro” nas mulheres e “para fora” nos homens determinava a aptidão das mulheres para questões de ordem interna, como o cuidado da casa e dos filhos, enquanto os homens eram biologicamente projetados para a “rua”, onde afazeres políticos, lazeres libertinos e sociabilidade entre pares lhes aguardavam. (MARQUES e SILVA JÚNIOR apud SCOTT, 2005, p. 16).

O simbolismo negativista feminino e o simbolismo positivo relacionado aos homens não era apenas uma concepção fisiológica, mas muito mais cultural, fundada em alicerces arquetípicos ancestrais como em mitologias já citadas aqui neste artigo.

Em um aspecto sociológico, Beauvoir (1970) escreve:

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 1970, p.6).

A pensadora francesa prossegue ainda sua linha de raciocínio nos mitos religiosos cristãos, afirmando que Eva era a senhora da danação, origem do pecado, mas Virgem Maria era instância de salvação, mas ainda atrelada à figura masculina máxima: o homem salvador. “A Igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo-se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada” (BEAUVOIR, 1970, p. 212).



Confluindo em análises sociológicas, antropológicas, históricas, mitológicas, anatômicas e religiosas, percebemos a tendência do simbolismo feminino sempre se enquadrar, de certa maneira, em aspectos negativos em relação à simbologia masculina. O feminino seria então essa instância de gênero secundária, ora animalizada (como as formas monstruosas femininas que aparecem na Odisséia e em vários outros mitos ao redor do mundo), ora sedutora do pecado, como Eva que induziu Adão a provar o fruto proibido, ora figura eufemizada, como a Virgem Maria, pura, casta e salvadora, porém em segunda instância.

Não podemos esquecer, no entanto, que também há uma simbologia que retrata as formas femininas como guerreiras (as Amazonas, por exemplo), progenitoras, donas da procriação e personagem principal para a sustentação das espécies (como a deusa Gaia da mitologia grega, Mãe-Terra e elemento primordial para vida). No entanto, o que tentamos apresentar nesse artigo é a predominância nictomórfica e catamórfica das representações simbólicas femininas e os reflexos desses arquétipos negativos, sejam direta ou indiretamente, no nosso imaginário social, confluindo até em nossos discursos cotidianos.

## **5. Método e aplicação: a hermenêutica simbólica do caso Marielle**

A morte da vereadora carioca, Marielle Franco, executada no Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018, e do seu motorista, Anderson Gomes, gerou comoção nacional e internacional. A repercussão midiática recebeu grande notoriedade nos jornais televisivos, impressos, portais de notícias e rádios, tanto por ter sido uma execução, quanto por ter sido a morte de uma figura pública que lutava pelos direitos humanos.

A persona Marielle tem um significado simbólico relevante no Brasil. Foi uma das vereadoras do Rio de Janeiro mais votadas e defendia, em suas pautas políticas, o combate contra a violência na cidade carioca, denunciando tanto a violência proveniente do tráfico quanto a violência de milícias. Ela era uma forte representante das pautas minoritárias por ser um referencial simbólico da luta dessas causas: era mulher, negra, lésbica, periférica, além disso, uma das poucas representatividades femininas dentro da casa legislativa (dos 51 vereadores havia apenas seis mulheres no cenário até início de março de 2018).



A repercussão da execução da vereadora foi um dos assuntos mais abordados nas redes sociais desde o acontecimento. Nas horas que seguiram a morte, foram mais de meio milhão de menções no Twitter, segundo pesquisa divulgada pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV Dapp) . No entanto, o que chamou atenção no caso de Marielle não foi apenas a vastidão de notícias atreladas ao fato, mas sim a grande divulgação de notícias falsas sobre a vida da vereadora e suas relações políticas.

Os boatos divulgados tinham como intenção desacreditar as pautas políticas defendidas pela vereadora através de difamações que afirmavam correlações com apoios políticos provenientes do tráfico e sobre sua vida pessoal.

O que nos vale para esta análise é pensar na maneira como a imagem de Marielle Franco foi negativizada nessas fake news. Nossa análise parte do pressuposto de que as fake news sobre a vereadora recorreram a um imaginário feminino nictomórfico e catamórfico, negativo, e que desqualifica a mulher como gênero que pode ocupar local de poder. A intenção é procurar referências de arquétipos e estereótipos do mundo feminino nesses discursos difamatórios, não nos cabendo apresentar uma perspectiva política do cenário.

Esta análise busca as referências arquetípicas nas fake news, procurando compreender a origem antropológica do sentido das notícias falsas veiculadas, e para isso foi utilizada a metodologia da hermenêutica simbólica do trajeto antropológico do imaginário, traçado por Gilbert Durand (2012), que conceituamos nas etapas anteriores deste artigo.

Na etapa que se segue, analisaremos apenas duas fake news divulgadas nas redes sociais: as divulgadas pela desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ) Marília Castro Neves – amplamente noticiadas pelo Movimento Brasil Livre (MBL) e as publicadas pelo deputado Alberto Fraga (DEM). Das diversas notícias falsas espalhadas após a morte da vereadora, as selecionadas para a análise foram as que mais chamaram a atenção por terem sido divulgadas, e assumidas, por pessoas públicas.



## 5.1 O valor da fake news

Após a morte de Marielle, uma campanha difamatória se espalhou pelas redes sociais e alguns protagonistas dessa onda de notícias falsas foram a desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) Marília Castro Neves, o deputado Alberto Fraga (DEM) e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Uma das notícias falsas que mais repercutiu foi a postagem da desembargadora Marília Castro, que publicou em seu Facebook afirmando que Marielle “estava engajada com bandidos”, acrescentando ainda que “a tal Marielle descumpriu ‘compromissos’ assumidos com seus apoiadores”, referência à ligação da vereadora assassinada com o Comando Vermelho, facção de tráfico do crime organizado do Brasil. Veja na figura abaixo a publicação na íntegra:

Figura 1: Publicação da desembargadora Marília Castro no Facebook.



Fonte: site de notícias G1.

A publicação da desembargadora gerou uma onda de fake news amplamente divulgadas nas redes sociais, inclusive foi utilizada como fonte de credibilidade para notícia publicada no site do MBL. Esse mecanismo de utilizar a fala de alguém para transformar em produção noticiosa é característico das engrenagens que multiplicam as fake news.

A notícia do MBL também foi publicada no Facebook e saiu com o título "Desembargadora quebra narrativa do PSOL e diz que Marielle se envolvia com bandidos e é 'cadáver comum'". A publicação chegou a atingir mais de 30 mil curtidas e

20 mil compartilhamentos. Segundo a desembargadora, a sua publicação partiu de uma opinião pessoal aferida após leitura de uma postagem de uma colega, feita também em rede social.

De acordo com Allcott e Gentzkow (2017) as notícias falsas são mais amplamente divulgadas no cenário político. O fenômeno teve grande notoriedade nas eleições presidenciais norte americanas, em 2016, e ganhou mais força com a rápida opção por meio de compartilhamento e divulgação em curto espaço de tempo na internet, principalmente em redes sociais. A ferramenta de curtir e compartilhar com apenas um clique aliada com a falta de checagem das fontes da notícia por parte dos leitores também é outra característica que colabora para o amplo alastramento das fake news.

O conceito de fake news não está diretamente ligado ao jornalismo, podendo ser produção de informação de pessoas civis, instituições de variados âmbitos da sociedade e até pessoas públicas, que ganham grande proporção de divulgação.

Fake news pode ser descrito como notícias falsas em tradução livre, mas também pode ser entendida como informações distorcidas não correlacionadas com a verdade, de acordo com Allcott e Gentzkow (2017). Outra característica é ser uma notícia com informações parciais, que utiliza opiniões alheias e que em geral não tem fonte determinada. Ou seja, são os conhecidos boatos, mas que ganharam uma maquiagem de credibilidade nas novas mídias, passando-se por informação noticiosa de credibilidade.

Segundo Allcott e Gentzkow (2017), elas surgem porque são mais fáceis para produzir do que informações precisas, e têm a capacidade de inferir diretamente na opinião pública, principalmente nas sugestões políticas dos eleitores.

Fake news may generate utility for some consumers, but it also imposes private and social costs by making it more difficult for consumers to infer the true state of the world—for example, by making it more difficult for voters to infer which electoral candidate they prefer. (ALLCOTT e GENTZKOW, 2017, p. 212).

Outra *fake news* amplamente divulgada foi a postagem publicada pelo deputado Alberto Fraga do Partido dos Democratas (DEM). O deputado, presidente da Frente Parlamentar de Segurança Pública, postou na sua conta do *Twitter*: “Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex-esposa do Marcinho

VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou foi a PM”. Veja a publicação:

Figura 2: Publicação do deputado Alberto Fraga no *Twitter*.



Fonte: site de notícias G1.

A postagem gerou polêmica e o deputado apagou a postagem, dando mais tarde uma entrevista em que se desculpou pela divulgação das notícias, reconhecendo também que não checkou as fontes das informações antes de publicar.

## 5.2 O imaginário nictomórfico e catamórfico das *fake news* sobre Marielle

Após conceituar a definição de fake news e traçar o corpus de análise (as notícias falsas publicadas pela desembargadora e pelo deputado), analisaremos agora as referências simbólicas nictomórficas das narrativas dessas publicações e o imaginário feminino negativo que rodeiam as representações feminóides traçadas por Gilbert Durand (2012).

Partiremos, inicialmente, da análise hermenêutica da narrativa da desembargadora Marília Castro Neves. Logo na primeira frase da postagem percebemos a desconstrução imagética positiva da imagem da vereadora, um arquétipo negativo feminino remanescente de um imaginário coletivo cultural, religioso, sociológico e antropológico.

Na frase “A questão é que a tal Marielle não era apenas uma "lutadora"; ela estava engajada com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu "compromissos" assumidos com seus apoiadores.”, da desembargadora, podemos

perceber a correlação da imagem feminina guerreira nefasta. O imaginário do discurso remete-nos às formas feminíides negativas de mulheres fortes, porém ligadas às trevas, nesse caso ao crime, pois Marielle lutava, “mas ao lado de bandidos”.

Essa imagem da mulher ligada ao mal tem uma simbologia tanto nictomórfica (símbolos das trevas) quanto catamórfica (símbolos de queda). Referir-se à vereadora morta conectando sua imagem à mulher que ajudava bandidos desconstrói sua persona de maneira que liga sua forma feminina ao esquema simbólico da queda moral, já que “em certos apocalípises apócrifos a queda é confundida com a “possessão pelo mal” (DURAND, 2012, p.114). A conexão dos arquétipos femininos com a queda moral tem direta ligação com heranças nos mitos cristãos: foi Eva que levou Adão ao pecado. “Chega-se assim a uma feminização do pecado original que vem convergir com a misoginia que a constelação das águas escuras e do sangue deixava transparecer” (DURAND, 2012, p.115).

Mas essas referências arquetípicas da imagem da mulher ligada ao mal encontram-se também em outras culturas.

Outras tradições são mais explícitas: entre os algonquinos e na Índia, é para expiar uma culpa que as mulheres são menstruadas. Esta feminização da queda moral encontra-se também nas tradições ameríndias, como nas persas, esquimós, rodesinas ou melanésias, e alimenta igualmente o mito grego de Pandora. (DURAND, 2012, p.115).

O posicionamento político na publicação da desembargadora é evidente, mas, mesmo assim, o seu discurso recorre a uma estratégia de desconstrução da imagem de mulher por uma referência nefasta, nesse caso ligado ao crime, um referência simbólica de um imaginário tabu, “que manifesta angústia primitiva” (DURAND, 2012, p.144), algo incrustado no inconsciente coletivo da cultura ocidental: a mulher nictomórfica e catamórfica, a mulher das trevas que leva à queda.

Esse imaginário feminino nefasto consolida-se no discurso do deputado Alberto Fraga, quando coincide em sua narrativa a referência de Marielle ao crime organizado: “[...] defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho”. O discurso do deputado, no entanto, nos leva à outra interpretação arquetípica relacionada ao imaginário feminino: a referência à reflexologia betchereviana, a noção dos gestos dominantes.

Segundo Durand, nosso imaginário também é influenciado por três instâncias gestuais:

Os três grandes gestos dados pela reflexologia desenrolam e orientam a representação simbólica para matérias de predileção que já têm apenas uma longínqua relação com uma classificação já demasiado racionalizada em quatro ou cinco elementos. E, segundo a equação de Leroi-Gourhan estabelece: força + matéria = instrumento, diremos que cada gesto implica ao mesmo tempo uma matéria e uma técnica, suscita um material imaginário e, senão um instrumento, pelo menos um utensílio. (DURAND, 2012, p.54).

O primeiro gesto seria a dominante postural, “exige as matérias luminosas, visuais e as técnicas de separação, de purificação, de que as armas, as flechas, os gládios são símbolos frequentes” (DURAND, 2012, p.54). Essa primeira categoria representa os modos de expressão vertical, de imposição de armas, a postura do herói ou guerreiro.

O segundo gesto está ligado à descida digestiva e “implica as matérias da profundidade; a água ou terra cavernosa suscita os utensílios continentes, as taças e os cofres, e faz tender para os devaneios técnicos da bebida ou do alimento” (DURAND, p.54).

Já a terceiro gesto é dito por gestos rítmicos, caracterizados pela sexualidade e “projetam-se nos ritmos sazonais e no seu cortejo astral, anexando todos os substitutos técnicos do ciclo: a roda e a roda de fiar, a vasilha onde se bate a manteiga e o isqueiro, e, por fim, sobredeterminam toda a fricção tecnológica pela rítmica sexual.” (DURAND, p.54).

Logo, na construção imagética que fazemos do discurso de Alberto Fraga conseguimos consolidar a imagem simbólica de Marielle a uma imagem catamórfica, nictomórfica e sexual, já que, além de “mulher de bandido”, foram feitas referências a sua sexualidade “engravidou aos 16 anos”.

A construção das duas narrativas das fake news demonstram em sua interpretação através do trajeto antropológico do imaginário as referências simbólicas nefastas, catamórficas e sexuais sempre atreladas às imagens femininas, desde culturas ancestrais.

Para desconstruir a imagem de uma mulher que sai do seu lugar de segundo gênero, colocando-se em posições de destaque dentro da sociedade (que têm em seu imaginário social a concepção cultural, antropológica, psicológica de que os homens são

as figuras determinadas para as instâncias de poder), basta recorrer a esses imaginários de trevas e de queda, símbolos agora transfigurados pela modernidade.

O imaginário coletivo e social se transfigura, mas as instâncias arquetípicas continuam sólidas e podem ser encontradas na sutileza dos discursos cotidianos. O pecado do gozo: uma gravidez aos 16 anos. Mulher de representatividade de poder político: mas, está conectada com o crime. Conseguiu se eleger em uma das grandes metrópoles brasileiras: mas foi com ajuda das forças criminosas.

## 6. Considerações finais

Podemos notar referências dos arquétipos da cultura humana nos nossos discursos cotidianos. Com a imagem simbólica da mulher não é diferente. Quando há intencionalidade da desconstrução da imagem feminina, os discursos tendem a recorrer, em geral, a referências catamórficas, nictomórficas e sexuais, ligadas ao terceiro gesto reflexo dominante.

No entanto, é importante ressaltar que o imaginário feminino não está conectado apenas a essas referências arquetípicas negativas. Há ainda um imaginário que conecta as formas femininas aos símbolos de intimidade, da segurança resguardada pelo côncavo do útero, que assegura o desenvolvimento da cria até a sua saída para o mundo exterior, cheio de perigos. Os valores negativos dos símbolos catamórficos, nictomórficos e teriomórficos do Regime Diurno se convertem em uma eufemização no Regime Noturno em que:

A ameaça das trevas inverte-se numa noite benfazeja, enquanto as cores e tintas se substituem à pura luz e o ruído, domesticado por Orfeu, o herói noturno, se transforma em melodia e vem substituir pelo indizível a distinção da palavra falada e escrita. Por fim, as substâncias imateriais e batismais, o éter luminoso, são substituídos nesta constelação pelas matérias escaváveis. O impulso ativo implicava os cumes, a descida magnifica o peso e reclama o enterramento ou o mergulho na água e na terra fêmea. A mulher-aquática ou terrestre-noturna, com enfeites multicoloridos, reabilita a carne e o seu cortejo de cabeleiras, véus e espelhos. Mas a inversão dos valores diurnos, que eram valores da ostentação, da separação, do desmembramento analítico, traz como corolário simbólico a valorização das imagens de segurança fechada, da intimidade. (DURAND, 2012, p.235-236).

Nesta análise, no entanto, procuramos resgatar referências simbólicas negativas sobre a mulher na construção de fake news. Como nas notícias de fato, matéria prima da

produção jornalística, as fake news também convergem suas narrativas em produções simbólicas, imaginativas, míticas e imaginárias de caráter social e coletivo.

Para Silva (2010), os discursos midiáticos nos mostram uma dualidade entre razão, quando se programa e se sustenta em técnicas de produção e reprodução discursiva, e instintos, quando reflete aspectos imaginários culturais inerentes de uma sociedade permeada por relações humanas, pois a afetividade é fonte da sociabilidade.

Analisar e compreender as heranças imaginárias simbólicas de uma fake news também é compreender as referências cognitivas de dada cultura. A produção de mitos, boatos, narrativas de qualquer procedência refletem a construção imagética social de cada cultura.

## Referências

ALLCOTT, Hunt and GENTZKOW, Matthew. **Social Media and Fake News in the 2016 Election.** In **Journal of Economic Perspectives**—Volume 31, Number 2—Spring 2017—Pages 211–236.

ANAZ, Sílvio et. al. Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. In: **Revista Nexi**, 2014, n. 3 (2014)

BARREIRA, Gabriel. **Protocolada no CNJ representação contra desembargadora por notícia falsa sobre Marielle.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/protocolada-no-cnj-representacao-contradesembargadora-por-noticia-falsa-sobre-marielle.ghtml>> Acesso em: 19 de mar. de 2018

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970, 4ª Edição.

CARVALHO, João Eduardo Coin. Imaginário e representações sociais. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, p.25-33, 2002

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Presses Universitaires de France, 1964, Tradução (da 6ª ed. franc. - 1993): Carlos Aboim de Brito revista pelo Gabinete Técnico de Edições 70, Lda.

DURAND, Gilbert: **L'Imaginaire.** Essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris: Hatier, 1994.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

GONÇALVES, Elton Luiz. **Imaginário e identidade nacional**: Análise mitocrítica na série de tv *família imperial*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2017.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996. Coleção Primeiros Passos.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**; tradução de Eduardo Portanova Barros.– Porto Alegre: Sulina, 2014 – 2ª ed. (Coleção Imaginário Cotidiano)

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal (RN): Argos, 2001. 2ª Edição

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes Ltda.1998

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº 20, abril de 2003.

MARREIRO, Flávia. **Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras**.

Disponível em:  
<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376\\_531337.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html)>.  
Acesso em: 19 de mar. de 2018.

MENDONÇA, Heloísa. **MBL e deputado propagam mentiras contra Marielle Franco em campanha difamatória**.

Disponível em:  
<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521318452\\_688519.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521318452_688519.html)>  
Acesso em: 19 de mar. de 2018.

MORAES, Vaniucha de. Jornalismo e imaginário social: elementos de um jornalismo revolucionário em Realidade (1966-1968). In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009

PEREIRA, Wellington. A Comunicação e a cultura no cotidiano. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº. 32, abril, 2007.

PINTO, Célia. Pensar o universo natural a partir dos regimes da imagem. O pensamento de Gilbert Durand. In: **Rev Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017.

RODRIGUES, Mateus. **Após divulgar fake news sobre Marielle, deputado Alberto Fraga suspende redes sociais**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/apos-divulgar-fake-news-sobre-marielle-deputado-alberto-fraga-suspende-redes-sociais.ghtml>> Acesso em: 19 de mar. de 2018.

SILVA, Gislene. Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. In **XIX Encontro da Compós**, na PUCRJ, Rio de Janeiro, de 08 a 11 de junho de 2010.

SILVA, Juremir Machado da. As camadas na floresta do simbólico: uma leitura do livro “diferença e descobrimento: O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação”. In: **Revista Memore**, Tubarão, SC, v. 4, n. 2 esp. dossiê I, p.192-200 Maio/ago. 2017. ISSN: 2358-0593.

SOUZA, Kennedy Anderson Cupertino e TESSAROLO, Felipe Maciel. Fake News: Ética e credibilidade jornalística em risco. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017.

**Submetido em: 28/03/2018. Aprovado em: 02/04/2018.**